

16-03-2020

O protagonismo nosso de cada dia...

Armando Nembri

[Pós-Doutor em História das Ciências e
das Técnicas e Epistemologia / UFRJ]

Há duas décadas tivemos a oportunidade de vivenciar o término do considerado mais materialista de todos os séculos - o século XX - e, baseado nisso, constato que nunca experienciamos, como agora, a condição para o conforto, para a produção de conhecimento e para a possibilidade, cada vez mais ampliada, de conexão, mas, em contrapartida, nunca estivemos tão sozinhos e desconectados. Alguns de nós, inclusive, têm 500, 1.000, 1.500 “amigos” no Facebook, mas nos fins de semana estão sozinhos, sentados no sofá da sala vendo televisão ou com os olhos fixos no celular.

Em função dessa constatável solidão - basta olhar com atenção as pessoas que cruzam o nosso caminho - passados 20% do novo século, não é ousadia afirmar que houve uma perda significativa da empatia.

Podemos, neste sentido, pressupor que o bom e velho “*se colocar no lugar do outro*” está em vias de extinção. É bem possível que tenhamos uma quase inquestionável “presença” na lista do(a)s culpado(a)s por pensarmos ser viável... factível... a extinção da empatia. A agonia do amor.

Vê-se tal agonia quando ouvimos, não para compreender, mas para responder, quando nos prendemos à defesa absurdamente desmedida de nossas opiniões (nunca vi, confesso, tantos “experts” na venda de verdades inexistentes como agora), quando alguns dos nossos irmãos morrem neste lindo planeta-escola azul por falta de ajuda humanitária, quando a diversidade humana é vilipendiada por percepções que reforçam estigmas, estereótipos, preconceitos, discriminações e julgamentos, por radicalismos que se intitulam como guardiões de um posicionamento “santo” e ideologicamente “perfeito”, por absoluta indiferença por parte dos detentores do poder e do capital. Tal agonia entristece, por falta de termo mais qualificado, a alma da Terra que, sabemos, pode e deve ser um organismo vivo.

Vivemos um tempo sem tempo; um tempo em que a depressão e a ansiedade - chamadas de doenças do nosso século - retiram um dos últimos espaços para a alegria que pode trazer, à vida, o amor sem agonia, sem passado e sem futuro, mas cheio de presente e valorizando quem o sente em todos os momentos e incondicionalmente.

Mesmo nesse nosso atual estágio evolutivo (temos claros problemas de cunho civilizatório para resolver, pois julgo que ainda somos pequeninos... muito pequeninos) não podemos imaginar uma vida sem amor... amor este que, para sobreviver, exige um viver em plenitude e em sabedoria e, indo mais longe, exige a pacificação de um mundo amplo em sua diversidade, mas nunca desumano. Lembrar disso é condição para concebermos um efetivo e necessário ser humano consciente e engajado para com as leis basilares da convivência pacífica.

Ao constatar a agonia do nosso sentimento mais nobre, percebe-se a urgência da volta do bom “*saber ouvir*”, do fundamental “*saber olhar*” e da pertinência do “*saber falar*”.

Todos esses saberes são considerados, hoje, essenciais para que a bondade volte a ter vida longa, volte a nos felicitar enquanto seres humanamente enfraquecidos em cenários de irreversível e estratosférica era tecnológica que faz nosso mundo, nossas loucuras, nossas idiosincrasias, nossas ilusões e frustrações estarem ao alcance de um “teclar” de dedos.

Precisamos, neste momento de nossa história, saber viver em um mundo carente de amor.

Temos que encontrar um jeito inteiramente novo de amar... e incondicionalmente. Melhor dizendo, cabe-nos buscar o que eleva o outro, contribuindo para o seu bem-estar, independentemente de sua retribuição. Só assim poderemos, “*num belíssimo dia de sol*”, trazer à vida plena o sentimento que, hoje, agoniza.

Nossas mãos, ainda amarradas, única e exclusivamente por culpa nossa, podem e devem trabalhar para que o amor, em nosso cotidiano... em nossa contemporaneidade, volte a existir... volte a ser sentido. Somos os protagonistas desse resgate...

querendo ou não.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.